

JOSÉ CARDOSO PIRES

# ESCREVER A VIDA

"Onde acaba a poesia e começa a prosa de Carlos de Oliveira?", perguntou alguém (Mário Dionísio) que ele lia com constante dedicação. E eu vou a um exemplo mais recente, o romance Finisterra. Finisterra, esse de profundis por um mundo velho e funâmbulo, onde se enuncia ele afinal senão nos versos de Entre Duas Memórias, de 1971? Ácidos, lívres, salitres (a decomposição da paisagem) não é isso que já estava ali prefigurado? E a escrita (levantamentos, topografias, arsenais oficinais), a escrita do poema não é na verdade tão irmã, tão justaposta às vezes à do seu último romance?

Um todo, "tudo isto forma um todo" (Mário Dionísio, ainda). E esse todo, sempre que recordo Carlos de Oliveira, prolonga-se-me dos seus livros e confunde-se-me com ele próprio. Reconheço-lhe na voz orala tom dos versos, a mesma gravidade de contar, o mesmo desencanto confiante, o gosto de tantos e tantos vocábulos muito dele. Posso até vê-lo, assim muitas vezes, àquela luz baça e deserta dos personagens dos seus romances. Que ele tinha, que estava nele. Ou era ilusão nossa?

É pois uma unidade rara e difícil, essa. Viver o livro e escrever a vida, talvez esteja aí o segredo -- mas isso só acontece àqueles que têm a felicidade de contar, em universo próprio e único, o tempo comum a todos nós. Encontramos então uma harmonia interna, uma coerência de visão onde o antes e o depois, o acto e a palavra, nascem em dolorosa irmandade e tudo se movimenta e se procura em novas expressões, livro a livro.

Quando agora releio Carlos de Oliveira há um sem-número de sinais da memória a latejar em cada livro, em cada verso muitas vezes. São breves cintilações em muitos casos, flashes dispersos de uma amizade de trinta anos -- o quarto da rua Latino Coelho que ele habitou nos primeiros tempos de Lisboa, mesmo



em frente da empresa onde eu era tradutor; as noites dos bilhares do Rossio e a tertúlia do "Café Portugal"; o "Ribadouro"; tanta coisa, tanta coisa. E são também as referências aos dias de humilhação e de fraternidade numa sociedade totalitária e supersticiosamente inimiga da Cultura, essa resistência que está em toda a sua obra e no exemplo moral de escritor no sentido mais vertical da palavra.

De todo esse longo quotidiano de prepotências, censuras, mentiras e marginalizações recordo que foi ele um dos principais impulsionadores da ideia da formação da Sociedade Portuguesa de Escritores, acompanhando e entusiasmando Aquilino, que o admirava e ouvia como a nenhum de nós. E lembro-me, nunca poderei esquecer essa noite, quando os terroristas do fascismo assaltaram e destruíram a mesma Sociedade, o nosso centro de escritores: significativamente foi em casa de Carlos de Oliveira que nos encontrámos com Augusto Abelaira, um dos visados pela ofensiva contra os intelectuais, que horas depois seria preso pela PIDE.

Escolho estes dois momentos com intenção. Eles marcam a fidelidade de Carlos de Oliveira às horas difíceis, correspondem ao princípio e ao fim duma obra a que esteve ligado desde a ideia à concretização e de que não se alheou no instante tempestuoso da derrocada. Isto, como sempre, com firmeza e numa serenidade quase apagada. O tal rigor da sobriedade de quem comparece no acto necessário e pelas razões que lhe são próprias: o escritor pela exigência do que escreve, o amigo pela companhia, o cidadão pelo protesto.

*Extracto de um artigo que José Cardoso Pires escreveu em Dezembro de 1982, para um notabilíssimo número da revista "Vértice", de homenagem a Carlos de Oliveira.*